

MEMORIZAÇÃO EM DANÇA PARA ALÉM DA “DECOREBA”: AVALIANDO CAUSAS EM BUSCA DE SOLUÇÕES PEDAGÓGICAS

Shaieny Guedes Pires ¹
Caroline Caregnato ²

RESUMO

Abordamos neste texto um estudo sobre a dificuldade de memorização na prática da Dança desenvolvido a partir do Programa de Apoio à Iniciação Científica da Universidade do Estado do Amazonas, tendo recebido apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas, objetivando entender o processo de memorização visando avaliar possíveis razões para a dificuldade em memorizar sequências e execução de passos, buscar e apontar possíveis soluções pedagógicas para essa dificuldade. Pode-se dizer que a memória é fator fundamental, pois sem ela teríamos problemas de percepção e é ela quem assegura nossa identidade social, uma vez que a memória nos permite guardar histórias culturais e familiares que constituem a identidade de uma comunidade ou pessoa. É possível perceber a dificuldade de memorização desde a educação básica, entre professores e alunos de disciplinas como português, matemática, além de tantas outras mais. No ensino de Dança ocorre algo semelhante. Sabe-se que até mesmo para improvisar um bailarino precisa possuir amplo repertório motor e habilidade de conexão e reestruturação, e para recorrer a eles a memória se faz imprescindível. O estudo proposto contribui para o ensino e prática da Dança, já que a dificuldade de memorização provoca alterações e mudanças inesperadas, dificultando a assimilação das informações. O estudo realizado possibilitou compreender a estrutura e o funcionamento da memória, destacar motivos primários para a dificuldade de memorização, bem como possíveis soluções, que extrapolam a tradicional repetição irrefletida de informações (a decoreba), de modo a contribuir com o aperfeiçoamento das práticas pedagógicas na Dança.

Palavras-chave: Ensino e prática da dança, Memória, Dificuldade de memorização.

INTRODUÇÃO

A Dança, assim como outras artes, trabalha com percepções, sentimentos e técnica. Caracteriza-se pelo uso do corpo em movimentos coreografados ou improvisados. A dança é uma das poucas atividades em que o homem se encontra totalmente engajado: corpo, espírito e coração (BEJÁRT *apud* GARAUDY, 1980). Sua técnica exige além de consciência corporal, concentração e aplicação para a memorização, pois seu desenvolvimento se dá a partir de movimentações e passos pré-existentes, que podem ou não ser pré-determinados.

É de se considerar que a maioria dos estilos de dança trabalhados e desenvolvidos dentro das universidades e em grande parte das escolas e academias de dança tem como base o balé e

¹ Mestranda do Curso de Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas - AM, sgp.dan@uea.edu.br;

² Doutora em Música pela Universidade Estadual de Campinas e docente da Universidade do Estado do Amazonas, ccaregnato@uea.edu.br;

as teorias contemporâneas de consciência corporal, espacial e temporal (SILVA e SCHWARTZ, 1999). Portanto, boa parte do que se faz em dança atualmente envolve o conhecimento e a memorização de movimentações e passos pré-concebidos por técnicas ou escolas de dança. Ainda que se trate de improvisação a utilização da memória é necessária, para fins de retenção e utilização das informações-base. Para improvisar, um bailarino precisa colecionar amplo repertório motor e a habilidade de conexão e reestruturação permanente.

Neste artigo iremos abordar a questão da memorização que, como discutimos, é essencial para a prática e, por extensão, também para a aprendizagem da Dança. Nesse contexto, vale ressaltar que se pesquisou a dificuldade de memorização de uma perspectiva ainda pouco discutida no campo da Dança, ou seja, o enfoque do trabalho está na memória processual, que armazena métodos e técnicas, pois é sabido que a memória emocional, memória do corpo e outras que seguem linhas mais poéticas são bastante discutidas nas artes.

Desse modo, temos como objetivo entender o processo de memorização e avaliar as possíveis razões para a dificuldade em memorizar sequências e a execução de passos que algumas pessoas manifestam, e assim, buscar e apontar possíveis soluções pedagógicas para essa dificuldade.

O interesse pelo assunto proposto surgiu da necessidade de entendermos o processo de memorização de informações em dança, bem como, da busca por minimizar as deficiências relacionadas a esse processo em sala de aula.

Como licenciada em Dança e arte-educadora, a primeira autora deste texto estima a investigação do assunto por possuir a dificuldade de memorização e ter conhecimento da importância da memória no processo de ensino-aprendizado. Acreditamos que o estudo sobre o tema proposto contribui para a área da aprendizagem, do ensino e da prática da dança, já que a dificuldade de memorização se faz presente entre alunos e professores, de modo que a tradicional “decoreba” – ou seja, a repetição irrefletida de informações até que ocorra a sua memorização, que é praticada em contextos envolvendo o ensino de Dança – parece não ser efetiva como método educativo.

Quando aluna de algumas disciplinas práticas do curso de graduação em Dança, a primeira autora vivenciou as consequências da dificuldade de memorização, e, em alguns momentos, observou professores apresentando a mesma dificuldade, o que provocava alterações em sequências e mudanças inesperadas, e dificultava a assimilação das informações. A Fig.1 ilustra uma situação comum nas aulas de balé, conforme podemos ver a seguir.

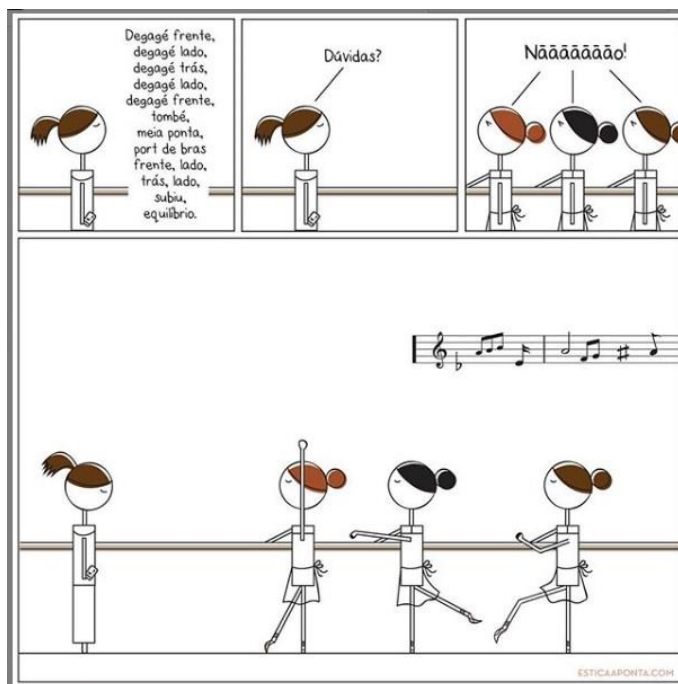


Fig.1 Ilustração de situação de esquecimento na aula de dança. Fonte: Estica a ponta.

Ademais, a dificuldade de memorização, na verdade, encontra-se muito antes da graduação. É possível percebê-la desde a educação básica, entre professores e alunos de disciplinas como português, matemática, ciências e história, além das demais linguagens artísticas na disciplina de Artes e de tantas outras mais.

Pode-se dizer que a memória é fator fundamental, pois, sem ela, não nos é possível guardar as informações e utilizá-las posteriormente, e é ela quem assegura nossa identidade social, uma vez que a memória nos permite guardar as histórias culturais e familiares que constituem a identidade de uma comunidade ou pessoa. Ainda como afirma Davidoff (2001), se não tivéssemos memória, teríamos problema de percepção. É a partir da memória que os conhecimentos se consolidam.

Quando você percebe – digamos, o céu cinza e pálido de um dia frio de outono –, está fazendo comparações implícitas com os dias ensolarados dos quais se lembra. O ato de falar requer que você relembre palavras e regras gramaticais. [...]. Até mesmo atividades que normalmente são consideradas automáticas, como conversar sobre assuntos triviais e lavar pratos, dependem da capacidade de lembrar. Na verdade, quase tudo que as pessoas fazem depende da memória. (DAVIDOFF, 2001, p.204).

Para os cognitivistas, o que mantém um comportamento são os processos cerebrais centrais, tais como a atenção e a memória, que são integradores dos comportamentos (BOOK, 1989).

Buscando respostas para as questões que norteiam este estudo – a que se devem as dificuldades de memorização que ocorrem na aprendizagem da Dança? Que soluções pedagógicas poderiam ser buscadas para contorná-las? – construímos algumas hipóteses. Segundo uma destas, uma célula coreográfica ou a execução correta de determinado movimento, parece ser melhor absorvida quando há entendimento sobre o que se faz. A memória parece conseguir fixar a informação a partir da compreensão da ação a ser realizada, e não meramente a partir da repetição sem reflexão.

Podemos supor que existem vários fatores que interferem na compreensão dentro do processo de ensino-aprendizagem, afetando diretamente a memorização, dentre os quais está a velocidade com que uma informação é exposta ou executada. Contudo, não se pode afirmar que a velocidade de apresentação da informação é inversamente proporcional ao grau de captação e memorização do conteúdo ou vice-versa, já que é possível que os alunos acompanhem o professor em uma sequência nova “passada” ao mesmo tempo em que é executada sem que haja o “passo a passo”, enquanto que alguns movimentos exigem demonstrações mais lentas de todo o procedimento. Mas, nenhum desses processos pode ser fixado como regra, pois nem sempre garantem aprendizado.

Portanto, é plausível hipotetizarmos que a dificuldade de memorização está ligada mais à falta de concentração, atenção e de conhecimento prévio do assunto, do que a outros fatores. Como consequência disto, surge a necessidade de replanejamento educacional.

Por isso, o estudo acerca da dificuldade de memorização se faz necessário, para que sejam avaliados os motivos e alcançadas formas de minimizar esse problema, e, assim, haja um melhor desenvolvimento dos métodos educacionais, melhorando o ensino, o aprendizado e a prática, não somente na Dança, mas em todas as áreas em que exista possibilidade de utilização desses conhecimentos.

Em busca de descobrir e determinar os possíveis motivos da dificuldade de memorização enfrentados na prática e no processo de ensino-aprendizagem de Dança, e os possíveis meios de minimizar essa dificuldade e estimular o desenvolvimento da memória, pretende-se apontar conceitos que nos permitam compreender o processo de memorização de coreografias e execução de passos em dança. Portanto, propõe-se o estudo do assunto abordado, de modo a investigar e definir as possíveis causas e soluções para as dificuldades de memorização, através de revisão de literatura, e então, apontar possíveis estratégias pedagógicas para evitar esse problema na aula de Dança.

É sabido que o problema discutido neste trabalho não se faz presente em 100% dos praticantes de dança ou dos estudantes e professores, e, ainda, supõe-se que a presença da

dificuldade de memorização seja variante entre os indivíduos, o que invalida o estudo de caso para obtenção de resultado geral. Portanto, buscando alcançar os objetivos estabelecidos, trabalharemos com o sujeito epistemológico, que compõe o sujeito psicológico ou individual. Para Piaget (1995, *apud* BEHAR, 2013), o ser humano é caracterizado em dois sujeitos complementares: o epistêmico e o psicológico. O primeiro pode ser entendido como o indivíduo universal, ou ainda como o conjunto das propriedades da razão, universais e idênticas em todo indivíduo. Enquanto que o segundo, o psicológico, é voltado para tudo aquilo que é individual, particular, e trata do “eu” tendo consciência de uma unidade. Esse sujeito psicológico é composto pela interação com outros sujeitos, como o epistêmico, social e afetivo, e tem a responsabilidade de adquirir, conservar e gerir o conhecimento. O sujeito epistêmico constitui o sujeito psicológico, e representa as características universais do ser humano.

Este trabalho descreve um sujeito epistemológico, que existe em todos nós, e se refere aos aspectos comuns entre os seres humanos, independente de suas individualidades, buscando entender o processo de memorização como um todo.

Na sequência iremos abordar breve revisão de literatura sobre a memória, seus processos e sua relação com a aprendizagem associadas à Dança e outras artes. Em breve, pontuaremos possíveis propostas de trabalho e desenvolvimento da memória no processo de ensino-aprendizagem da Dança, com o intuito de minimizar as dificuldades de memorização.

1 ESTUDO DA MEMÓRIA

De acordo com o minidicionário Luft (2009, p.452) “Me. mó. ria s.f. 1. Faculdade de lembrar, reter impressões, ideias, etc. 2. Lembrança, recordação; reminiscência. [...]”

Pensar em memória como simples fato de lembrar ou recordar é limitar a concepção de um sistema complexo e dinâmico, que hoje se define de forma mais ampla, tornando, assim, a memória, o centro da elaboração, decisão e execução de todas as condutas (EHRLICH, 1979, p.155). Ainda segundo Ehrlich (1979, p.233), a memória é considerada um sistema vivo que se constrói e se transforma no decorrer de sua atividade e pelo próprio efeito desta.

Percebe-se que, em estudos mais elaborados, não há um conceito restrito à palavra, podendo referir-se aos diversos processos e estruturas envolvidos no armazenamento e recuperação de experiências. Com isso, pode-se dizer, também, que a memória consiste numa capacidade essencial para a vida. A memória nos ajuda a definir quem somos, e na verdade ela é essencial para a construção da identidade da pessoa (COSTA, 2012).

É possível encontrar mais de 50 modelos explicativos diferentes sobre a memória. À medida que as pesquisas são realizadas, os modelos vão sendo aperfeiçoados de modo a ampliar o entendimento do sistema maior, que, nesse caso, é a memória. Comum a todos os vários modelos já elaborados sobre o assunto, tem-se os processos da memória, que são três: codificação, armazenamento e recuperação.

1.1 Processos da memória

A codificação se refere a todo processo que envolve percepção, aprendizagem e tentativa de armazenagem. Ao recebermos qualquer tipo de informação, primeiro codificamos a mensagem, como na leitura, por exemplo, em que vemos sinais pretos na página, e os traduzimos e codificamos como ideias que tenham significado. Embora não tentemos memorizar tudo à nossa volta, durante o processo perceptivo, várias informações serão codificadas.

Após a codificação, tem-se o armazenamento, depósito da memória, que, apesar do nome, não funciona como um armazém, em que os itens são empilhados à espera de requisição. Ainda que o processo de armazenamento pareça ocorrer automaticamente, isso não garante a permanência das informações na memória por um longo período de tempo. Pelo contrário, o depósito da memória parece mudar com a experiência.

Devido à dinamicidade do sistema, faz-se necessário o processo de recuperação para acessar as informações codificadas e armazenadas. A busca dessas informações pode ser muito fácil ou bastante trabalhosa a depender do tipo de processamento, superficial ou profundo – que veremos mais à frente –, utilizado na hora da retenção da informação.

1.2 Estruturas da memória

Pode-se dizer que há três tipos de estruturas da memória: sensorial, de curto prazo e de longo prazo.

A estrutura sensorial responde pela retenção de uma informação que chega aos órgãos dos sentidos por um curto período de tempo, também chamada de Memória Sensorial. Esta memória é dividida em auditiva, visual, olfativa, tátil e gustativa, sendo a visual e auditiva as mais importantes para o nosso estudo.

A memória sensorial visual nos permite perceber o movimento. Quando assistimos a um espetáculo de Dança, por exemplo, ao visualizarmos, podemos apreendê-lo. Da mesma

forma a memória sensorial auditiva permiti-nos perceber o que ouvimos, possibilitando a ligação das frases de um discurso. Pode-se pensar aqui em uma aula de Dança, em que o (a) professor (a) discursa a sequência de movimentos a ser realizada, podendo ou não mostrar cada movimento concomitante à fala, tornando possível aos alunos codificar, perceber e ligar a informação que ouvem ao que veem e lembram.

Em suma, são os nossos sentidos que conduzem as informações ao sistema da memória, mesmo que por pouco tempo.

Só é possível aumentar o prazo de armazenamento de determinada informação se a transferirmos para a segunda estrutura, Memória de Curto Prazo (MCP), também conhecida como memória de trabalho por sua habilidade de recordar e utilizar informações por tempo limitado. Para isto, basta dar atenção às informações por um momento, assim, o sujeito codificará os sons em palavras que tenham significado.

A MCP é responsável por conter tudo o que sabemos, desde pensamentos a experiências, em qualquer ponto do tempo. Geralmente armazena uma quantidade limitada de dados por 15 segundos. Além de exercer a função de armazenamento, a MCP insere e recupera conteúdos da terceira estrutura, que pode ser considerada permanente, a Memória de Longo Prazo (MLP).

Há, ainda, uma espécie de processamento superficial que consiste na repetição das informações para si mesmo permitindo que os fatos durem na MCP por alguns segundos a mais. Mas, ainda assim, a realização do processamento superficial não seria suficiente para que as informações trabalhadas fossem transferidas à MLP, logo, as informações seriam perdidas como qualquer outra que não fosse realocada.

Para que as informações passem para a MLP e, assim, não se percam, é necessário prestar bastante atenção, e, durante a codificação e armazenamento, traduzir as informações e dar significado a elas, reunindo-as a itens já existentes na MLP. Chamamos isso de processamento profundo. Às vezes, a simples repetição é suficiente para a transferência à MLP, como quando se quer lembrar um número de celular, basta repetir algumas vezes.

Apesar de uma informação precisar ser transferida à MLP para ser mantida por mais tempo na memória, é a estrutura de curto prazo (MCP) que recupera as memórias tanto de longo como de curto prazo. Os sistemas transferem continuamente informações entre si. Quando uma informação é buscada, o conteúdo que está na MLP é ativado e transferido para a MCP, que recupera os dados.

Se, a informação buscada, tiver sido usada repetidas vezes e seu conteúdo tiver sido bem assimilado, a pesquisa deverá ser rápida e fácil, mas a busca poderá ser longa e trabalhosa

se não foi dispensada grande atenção aos fatos. Conforme mostra o esquema abaixo ilustrado na Fig.2.

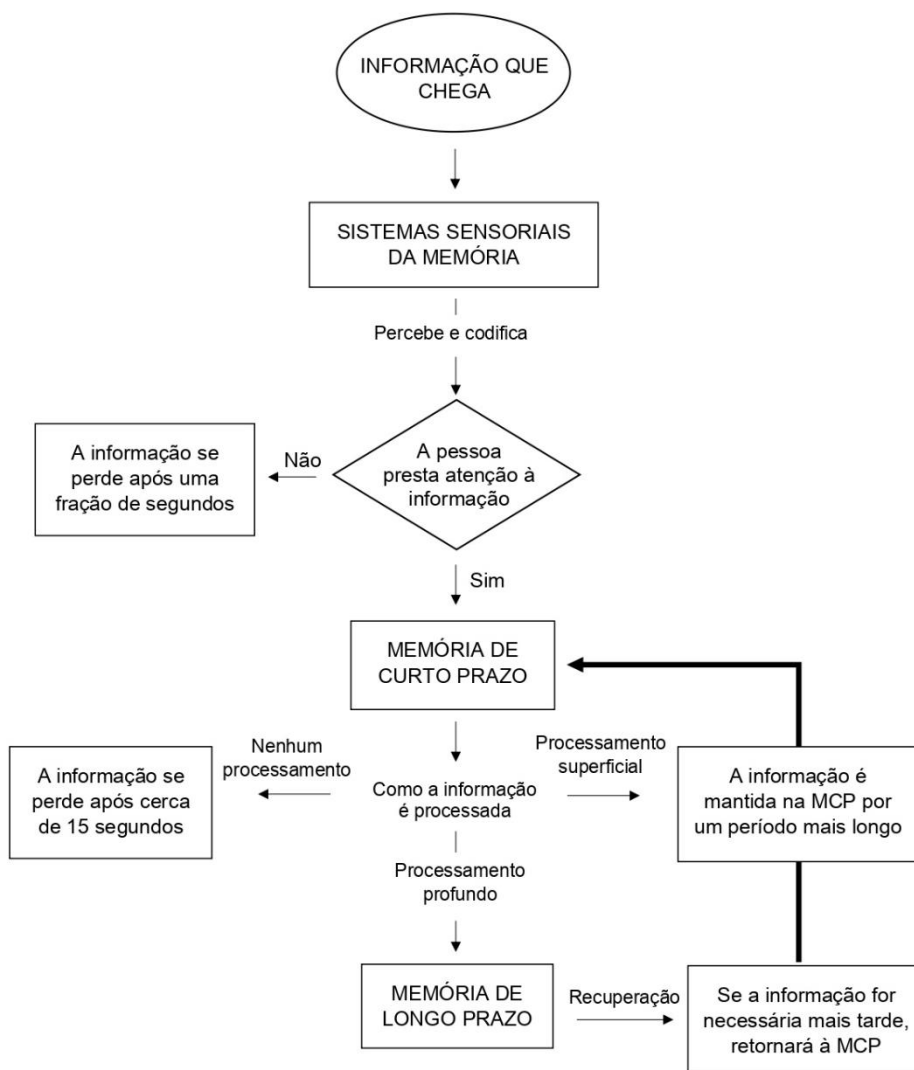


Fig.2- Modelo de processamento da memória. Fonte: arquivos pessoais da autora.

Há, ainda, dois tipos de memória de longo prazo, a saber: memória implícita e memória explícita.

A memória explícita implica consciência do passado, experiências vividas, acontecimentos de forma consciente, podendo ser episódica, quando se trata de eventos passados temporais, ou semântica, tratando-se de acontecimentos atemporais, conceitos e ideias.

Quanto à memória implícita, esta se refere às habilidades motoras, aos hábitos cotidianos, à capacidade de memorizar e evocar, por exemplo, regras gramaticais para

formulação de frases, sem que haja consciência na recuperação das informações. Nesta há a memória de procedimento ou memória processual, que reúne as habilidades aprendidas, como por exemplo, a sequência necessária para se executar um *grand jetté* no exercício de diagonal da aula de balé, uma sequência de dança contemporânea, de salão, hip hop ou de dança do ventre, e, até mesmo, o caminhar, sentar e levantar.

1.3 Medidas da memória

O estudo isolado dos processos da memória é complexo, por isso, o que normalmente se estuda são os três tipos de rememoração, e cada um deles informa que a codificação e o armazenamento foram realizados. São eles: reaprendizagem, reconhecimento e recordação. Ainda, cada um dos três tipos é capaz de medir as memórias sensorial, de curto prazo e de longo prazo.

O estudo sobre a reaprendizagem foi o precursor de toda pesquisa sobre a memória humana. O filósofo e psicólogo alemão Herman Ebbinghaus (1850-1909) publicou a primeira investigação sistemática da memória humana em 1885, e é necessário dizer que Ebbinghaus acreditava que a memória trabalhava a partir de associações, de modo que ideias sobre experiências passadas são armazenadas na mente e se seguem umas às outras. Foi então que o autor concebeu sílabas sem sentido, compostas pela combinação ‘consoante-vogal-consoante’ que não apresentassem significado. O próprio Ebbinghaus pôs-se como sujeito em uma observação típica, repetiu a lista das sílabas sem sentido até que pudesse recitá-la sem erro e assim verificou a quantidade necessária de repetições para que lembrasse a sequência correta após um intervalo de algumas horas ou até mesmo dias. Isso foi feito com o intuito de medir as economias da memória.

Trazendo esse modo de estudo para o ensino e prática da Dança, pode-se pensar, por exemplo, em uma bailarina de dança do ventre que nunca teve contato algum com outros estilos de dança e que tem que memorizar uma sequência de 10 passos, sendo 6 do balé clássico e 4 da dança moderna. Provavelmente essa bailarina terá dificuldades na assimilação das palavras e dos movimentos, logo, a memorização será mais trabalhosa, sendo necessárias várias repetições antes de cada teste.

Pode-se supor ainda que uma nova célula coreográfica seja adicionada à coreografia que está sendo trabalhada e sejam necessárias três repetições para que os alunos ou bailarinos memorizem. Na aula seguinte bastaria demonstrar uma vez para que aprendam a mesma sequência.

A medida do que ficou retido é um termômetro excepcionalmente sensível da memória. Os alunos ou bailarinos podem até não conseguir lembrar com clareza ou reconhecer a sequência como familiar, mas, quando solicitados a reaprenderem, será possível memorizar a sequência com mais facilidade e rapidez do que inicialmente. Ainda segundo Ebbinghaus, é possível considerar então que se leva menos tempo para reaprender um conteúdo já visto, mesmo que possua o mesmo grau de dificuldade daquele que jamais foi dominado ou visto anteriormente.

O reconhecimento pode ser imediato, a memória pode surgir no mesmo momento. Ou talvez seja preciso fazer uma busca intensa. O reconhecimento pode ser alcançado através de um processo de duas fases, sendo a primeira a formação da representação daquilo que se busca e a segunda a tentativa de emparelhar a representação formada com uma já existente na memória. Nesse processo é possível encontrar a familiaridade e a identificação, e, apesar de fundidas, nem sempre estão juntas. Um aluno de Dança pode reconhecer uma coreografia como familiar e não identificar o nome da apresentação.

Quanto à recordação, ao contrário do reconhecimento, não há uma espécie de cópia da informação. A recordação pode ser considerada uma busca controlada pela memória. Importante mencionar as medidas da recordação que consistem em recordação em série e a recordação livre. A primeira solicita que o material seja lembrado em sequência, enquanto que a segunda permite que as informações sejam lembradas em qualquer ordem. É necessário fazer entender que na recordação precisamos colher indícios, buscar na memória a informação desejada e aplicar um “teste” de reconhecimento. No reconhecimento a informação já está lá, de modo que não precisamos procurá-la, o teste de reconhecimento é suficiente.

Um exemplo disso que foi discutido pode ser observado em um teste prático, como o realizado na disciplina Dança Clássica do curso de Dança da Universidade do Estado do Amazonas. Os alunos desta disciplina, individualmente, sorteiam 3 papéis na mesa da professora, e, de um por um por, devem executar os movimentos ou passos ali escritos. Um dos alunos ao abrir o papel e ler “plié”, dentro de todo o seu processo da memória, irá reconhecer aquele movimento e executá-lo. Se no segundo papel encontra “1º port de bras da escola Vaganova”, ele precisará se utilizar da recordação em série para executar o movimento na sequência correta, fazendo uso também do reconhecimento.

1.4 Importância do esquecimento

De acordo com Costa (2012), a memória é seletiva e limitada na sua capacidade de armazenamento. Por isso, o esquecimento é condição essencial ao normal funcionamento da memória. Costa (*ibidem*) ainda define o esquecimento como a incapacidade de recordar, de recuperar dados, informações ou experiências que foram memorizadas no passado.

Apesar de parecer um aspecto negativo da memória, o esquecimento possui função seletiva e adaptativa, o que o torna essencial ao processo de memorização, pois elimina as informações desnecessárias e os conteúdos conflituosos e impede que a quantidade de informação contida no cérebro se exceda e bloqueie a captação de novas informações. O esquecimento é normal.

Para Izquierdo (1989), o esquecimento pode ser causado por vários fatores, como pela extinção, que se refere a perda gradativa de uma informação pela falta de atenção ou utilização (evocação reiterada sem esforço), ou, ainda, por outros dois importantes fatores do esquecimento, a interferência e a deterioração.

A teoria da interferência diz respeito à concorrência de informações semelhantes. De acordo com esta, quando uma informação interfere em um novo aprendizado ou vice-versa, o esquecimento será o resultado dessa disputa. Existem dois tipos de interferência, a proativa e a retroativa. A interferência proativa se trata da dificuldade de reter novas informações por interferências de outras semelhantes já existentes na memória. O aluno tem dificuldade de aprender a dança contemporânea porque já aprendeu o balé clássico, por exemplo. Quanto à interferência retroativa, refere-se à interferência causada por um novo aprendizado em um antigo. Pode-se pensar no bailarino clássico que apresenta dificuldades em permanecer rígido após iniciar os estudos na dança contemporânea.

No que diz respeito à teoria da deterioração, a passagem do tempo é fator decisivo. A informação não se perde por ter sido realocada ou substituída por outra, mas sim porque desapareceu gradualmente. Segundo Stenberg (*apud*, COSTA, 2012), a deterioração acontece quando a simples passagem do tempo faz com que conteúdos e informações sejam esquecidos.

2 PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM E MEMÓRIA NA DANÇA

Conforme Costa (2012), se pode dizer que a aprendizagem é a mudança manifesta de comportamento como resultado de influências práticas ou experienciais. É, ainda, o processo pelo qual adquirimos novos conhecimentos, enquanto que a memória é o processo pelo qual essa aprendizagem é codificada, armazenada e recuperada quando necessário. Esses dois processos estão intimamente ligados, pois só a partir da memória somos capazes de aprender,

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

reaprender e aprofundar conhecimentos já adquiridos, sem a necessidade de reiniciar os estudos. Por esta razão, pode-se dizer que os processos de memorização influenciam diretamente no processo de ensino-aprendizagem.

A atenção, motivação, dedicação, necessidade e fatores cognitivos são determinantes no processo de ensino e aprendizado. A atenção é necessária para que se consiga perceber, codificar e armazenar na MLP o conhecimento que está sendo exposto e adquirido. É necessário que tanto o aluno quanto o professor sejam motivados àquele aprendizado e entendam a necessidade dessa nova informação ou melhoramento de uma já existente. A dedicação ajuda a definir a qualidade e a quantidade de informações adquiridas. E através dos fatores cognitivos, como a memória, é possível aos participantes do processo de ensino-aprendizagem assimilarem e compreenderem as informações de mundo.

Considerando o que já foi dito sobre a relação da memória com o processo de ensino-aprendizagem, é importante dizer que, antes de ser armazenada pela memória de longo prazo, a informação é processada pela memória de trabalho (MCP). Essa memória tem capacidade limitada de cerca de sete elementos (podendo ser mais ou menos dois elementos que essa quantidade). Se partes isoladas de uma informação são organizadas em blocos de memória, padrões com significado, também conhecidos no estudo da música como chunks, é mais fácil armazená-las. A memória de trabalho pode então armazenar no máximo de 5 a 9 unidades de informação (sete mais ou menos dois).

Segundo Butler (1992), a capacidade de retenção de informações na memória não é muito ampla, então as unidades de informação precisam ser unidas, formando chunks, para que cada chunk passe a ser armazenado como uma unidade específica de informação, liberando a capacidade de armazenamento da memória para que ela retenha mais dados. (CAREGNATO, 2015, p.18).

Em outras palavras, blocos de memória são partes de informações unidas através de significados em uso. Esse processo é semelhante ao ato de converter um arquivo pesado de computador em um arquivo ZIP. O conceito de blocos de memória se aplica aos esportes, ao estudo das ciências, à Música, à Dança e a qualquer atividade, seja ela física ou intelectual, na qual os seres humanos podem se sobressair, auxiliando no processo de ensino-aprendizagem.

Na Música, área das Artes que tem estudado a respeito da memória, a aplicação desse método se dá de forma bem simples: as notas musicais são agrupadas, através da construção de chunks, formando células rítmicas com o intuito de diminuir a quantidade de informação a ser memorizada e aprendida. Após a criação dos chunks menores, há a identificação das repetições

rítmicas em sequências, chamadas de “motivos”, para formar blocos maiores e reduzir ainda mais a quantidade de informação a ser armazenada.

Aplicando esse conhecimento ao processo de ensino-aprendizagem da Dança, em sua prática e teoria, imaginam-se as sequências de movimentos em cada aula prática. Por exemplo, a divisão entre exercícios de barra, centro e diagonal da aula de balé clássico, pode ser entendida como blocos maiores da informação, para facilitar o aprendizado dos exercícios desenvolvidos em cada etapa. Sendo que cada etapa também possui suas divisões podendo ser consideradas chunks ou blocos de memória menores. Dessa forma, é possível perceber que esse método é utilizado entre os praticantes de Dança, só que não de forma consciente.

Conceitos adquiridos anteriormente em outras linguagens ou disciplinas podem contribuir na criação desses blocos de memória. As informações assimiladas no estudo da teoria e percepção musical são imprescindíveis para a musicalidade e para o ritmo do bailarino, professor ou aluno de Dança, da mesma forma que o conhecimento prévio das teorias de Laban auxilia na formação da postura e consciência corporal. Esses suportes desempenham papel importante no processo de ensino-aprendizagem da Dança e também na memorização que acontece nesse contexto.

3 SUGESTÕES PARA A MINIMIZAÇÃO DAS DIFICULDADES DE MEMORIZAÇÃO

Como resultado da pesquisa, serão apontadas algumas sugestões para minimização da dificuldade de memorização no processo de ensino-aprendizagem da Dança e também para o trabalho da memória. Estas sugestões se tratam apenas de hipóteses elaboradas a partir do estudo do levantamento bibliográfico realizado neste trabalho, podendo ser, no futuro, avaliadas em trabalho de pesquisa de campo.

Aos professores:

1. Despertar o interesse e a atenção dos alunos para o que está sendo ensinado. A explanação da relação e da aplicação do conhecimento ofertado à vida profissional ou até mesmo cotidiana pode ajudar nessa tarefa;

2. Tanto o conteúdo em si, como o processo que forma esse conteúdo são importantes para que o aluno compreenda aquilo que deverá fazer, e não somente copie uma determinada movimentação ou sequência. Por exemplo, explicar a realização correta de um *battement tendu*, em que as pernas, tanto a trabalhada quando a de base, devem permanecer estendidas e em *en dehor*, o pé deve arrastar no chão, mostrando sempre o calcanhar e a parte medial do pé, deve ainda passar pela meia ponta e mostrar a ponta, que no retorno deve permanecer conforme as

orientações. É importante que o aluno entenda o movimento, e às vezes a explicação do nome do exercício também colabora para uma melhor e correta memorização;

3. Reforçar as informações já transmitidas para que elas não sofram o processo de deterioração;

4. Motivar os alunos a manterem uma rotina de estudos diários para que as informações não se percam;

5. Prática focada e repetição;

Aos alunos:

6. Mantenham-se atentos às informações que forem transmitidas;

7. Busquem entender o processo, o conceito, as ideias e tentem executá-las ou explicá-las sozinhos, pois só assim poderão dizer que aprenderam;

8. Dediquem-se aos novos conhecimentos, reforçando-os de acordo com sua importância;

9. Identifiquem os aspectos ou elementos principais das informações e criem seus blocos de memória, reiterando sempre que necessário;

10. Tenham consciência de todas as suas atividades, sejam elas físicas ou intelectuais. A concentração e atenção sempre serão aliadas da memória e do aprendizado;

11. Prática focada e repetição.

É importante dizer que lembrar ou executar não significa ter aprendido. Somente quando se tem consciência e compreensão sobre a ação é que se pode considerar o sucesso no processo de ensino e aprendizado. Talvez, por essa razão, mesmo sendo observado no processo de ensino-aprendizagem da Dança alguns dos aspectos de um método de memorização para aprendizagem, ainda exista com frequência a dificuldade de memorização, porque esses aspectos identificados se tratam muito mais de hábitos mecânicos que abordagem direcionada – em outras palavras, trata-se da tradicional decoreba, que não conduz a uma memorização efetiva.

Em resumo, prática e repetição no processo de ensino-aprendizagem da Dança não são os únicos fatores necessários à formação do conhecimento, pois o caminho para ele é construído pouco a pouco, com pequenos blocos que podem se tornar maiores, e onde todo saber serve para sustentar outros conhecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto, acreditamos ser importante conhecer e entender tanto os processos da memória quanto os do ensino e aprendizado, para que seja possível apresentar um melhor desenvolvimento das atividades da Dança.

É necessário, ainda, que todos os envolvidos no processo sejam capazes de perceber, compreender e aplicar os conhecimentos novos e antigos. Mais interessante que tentar minimizar a dificuldade de memorização, seria estimular o desenvolvimento da memória desde o ensino básico, se possível. É importante que as aulas de Dança, as práticas principalmente, mas não exclusivamente, não se limitem às repetições, mas que desenvolvam todo o potencial cognitivo dos praticantes da modalidade, proporcionando assim sucesso no processo de ensino-aprendizagem.

Dito isso, consideramos importante que outros estudos acerca da memória e dos seus processos que influenciam o ensino e a aprendizagem sejam realizados, a fim de investigar diretamente com alunos e praticantes da dança suas formas e estratégias de aprender e recuperar os conhecimentos, proporcionando uma ampliação dos estudos sobre o assunto e o desenvolvimento de outros métodos educacionais aplicáveis à Dança e a outras linguagens em que seja possível aplicação.

REFERÊNCIAS

BEHAR, Patrícia Alejandra. **Competências em educação à distância**. S.l.: Editora Penso, 2013.

BOCK, A. M. B; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. D. L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13ª ed., 3ª tiragem. São Paulo: Editora Saraiva, 2001.

CAREGNATO, Caroline. Memorização na aula de percepção musical. In: Conferencia Latinoamericana y Conferencia Panamericana de la Sociedad Internacional de Educación Musical, 10ª e 3ª, 2015, PUCP. **Anais da 10ª Conferencia Latinoamericana y Conferencia Panamericana de la Sociedad Internacional de Educación Musical**. Lima: Facultad de Artes Escénicas. Pontificia Universidad Católica del Perú, 2015. Disponível em: <<http://facultad.pucp.edu.pe/artes-escenicas/wp-content/uploads/2015/11/Actas-ISME-Perú-2015.pdf>>. Acesso em: 20/03/2015

COSTA, Paula. **A memória e sua influência no processo de aprendizagem**. RJ, 2012.

DAVIDOFF, Linda L. **Introdução à psicologia**. 3 ed. São Paulo: Pearson Makron Books, 2001.

EHRlich, Stéphane. **Aprendizagem e memórias humanas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

FIG. 1. Ilustração de situação de esquecimento na aula de dança. Fonte: Estica a ponta, disponível em: < <https://www.instagram.com/p/8mKxdTt2IR/>>, acesso em 2016.

FIG. 2. Modelo de processamento da memória. Fonte: arquivos pessoais da autora, 2016.

GAURADY, D. **Dançar a vida**. 4^a. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

IZQUIERDO, Ivan. Memórias: estudos avançados. Vol.3, n.º6. SP May/Aug. 1989.

LIMA, Manolita Correia. **Monografia**: a engenharia da produção acadêmica/ Manolita Correia Lima. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

O LIVRO DA PSICOLOGIA. São Paulo: Globo, 2012.

SILVA, M. G. M. S.; SCHWARTZ, G. M. A expressividade na dança: visão do profissional. **Motriz** - Volume 5, número 2, dezembro, 1999.